

Transmutar e transformar na pesquisa e na vida

To transmute and transform through research and through life

Transmutar y transformar en la investigación y en la vida

Luzia Batista de Oliveira Silva¹

O texto aqui apresentado é apenas um pequeno ensaio artístico, fruto de minha participação numa banca de pesquisa de Mestrado² que teve como tema - A experiência e a memória na profissão docente da educação infantil.

Minha fala, inicialmente, foi marcada por algumas metáforas, as quais me fizeram questionar quando começa a vida de um ser vivo - um ser humano ou uma outra espécie, como, por exemplo, a vida dos insetos, das borboletas e, no mesmo sentido, me perguntei: como iniciamos o processo de transmutar e transformar a vida e quando e como começa "a vida de um texto", de uma dissertação, de uma tese, de um relatório pós-doutoral ou de um relatório de pesquisa?

O que realmente é sagrado em nossas vidas? A mim, parece que tudo na vida é sagrado e tem um propósito divino e também humano, sendo fundamental ter conhecimento e atribuir sentido dignificante a todas as vidas que nos cercam, porque todas elas têm algo para nos ensinar e nos inspirar a perceber o que está oculto e a enxergar o que está explícito na vida de cada ser vivo.

A vida humana, animal ou de um texto, ao que parece, começa pelo elemento informe, isto é, aquilo que ainda não adquiriu, concretamente, uma forma.

A vida está contida naquilo que transmuta e se transforma o tempo todo. Por isso, difícil mesmo é vencer e superar o processo que vai da lagarta à borboleta, do feto ao bebê ou da semente à árvore gigante.

A vida humana se inicia após o vigésimo dia de fecundação e começa com um coração. Será que somos apenas um coração? Não, não somos apenas um coração, somos um coração

¹ Pós-Doutora em Antropologia pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais PEPG da PUC-SP (2011-2013) com Estágio Pós-Doutoral e Professora Visitante na Faculté de Philosophie de l'Université de Bourgogne - Dijon/France (2011-2012); Doutora em Educação pela FE/USP (2004).
E-mail: lubaos@gmail.com - Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4880-7199>

² Banca de mestrado no PPGE da Universidade Federal de Lavras – UFLA, 2025.

juntamente com todos os órgãos em potência e possibilidade de transmutar e se transformar, para se manifestar quando não há, evidentemente, interrupção natural ou forçada. Reiteramos. Não somos apenas coração, mas é ele que nos permite entrar no mundo. Passamos, no entanto, a vida fugindo dele para valorizar em demasia o pensar, isto é, o nosso cérebro, ignorando os nossos sentimentos.

Difícil é quando nos deparamos com um ser humano ignorante dos mistérios da vida, de toda vida no planeta. Por que ainda somos seres embrutecidos ou indiferentes com aquilo que se constitui como um mistério maior no planeta, a Vida? Somos seres humanos com medo de viver ou de perecer. Tememos o que nos enfraquece mas ignoramos o que nos embrutece. Tememos o que nos afeta de imediato, mas nos esquecemos de que viver é morrer um pouco todo dia. A cada amanhecer, uma parte de nós cresce e floresce, mas, a outra morre silenciosamente.

Desembrutecer para se humanizar parece uma coisa estúpida, desnecessária, especialmente quando acreditamos que somos seres humanos sensíveis, generosos e amorosos, uma criação divina que nasce, vive e perece. Praticamente, nos alimentamos, o tempo todo, de quase tudo o que existe no planeta, mas, mesmo assim, nem sempre agradecemos por isso. Alimentamo-nos dos animais, dos vegetais, das frutas e das sementes, da água, do ar, do éter, mas, nem sempre percebemos o presente que ganhamos todos os dias. Recebemos, no entanto, “essa dádiva” como se ela fosse uma obrigação da natureza para que nos mantenhamos vivos.

Aplaudimos aquilo que brilha, que encanta, mas fugimos do que está em processo de transformação, de transmutação. Isso pode acontecer quando seres humanos encontram uma borboleta. Eles, inconscientemente, a veem como um ser que encanta, ignorando, contudo, que ela é o resultado de uma metamorfose por que passa uma lagarta até chegar ao ser borboleta.

Imaginem uma pessoa que não tem acesso à tecnologia e que, por isso, nunca teve oportunidade de ver, pelo ultrassom, um feto se transformando num ser humano. Um feto... um coração dentro do ventre de uma mulher. O feto é apenas um coração? Não, não é. Depois de algumas semanas, vai tomando forma um ser “feio”, esquisito: uma cabeça com um pescoço e uma cauda incompreensíveis. E se essa fosse a imagem final de um feto, qual de nós se aventuraria a colocar um bebê no mundo?

Esse feto é, para nós, como a lagarta feia que vai se transformando numa linda borboleta. Semelhantemente é o que ocorre com o feto, no princípio, feio esquisito, mas que vai, também, aos poucos, ganhando uma forma definitiva até se transformar num num lindo bebê - num ser humano.

A lagarta e o feto! Aonde eu quero chegar? Queremos, justamente, fazer uma analogia entre lagarta e o feto com a elaboração de um texto. Ao iniciá-lo, não temos certeza do que queremos fazer. Por onde começá-lo? O que exatamente queremos pesquisar? Seria suficiente ter um assunto? Parece que não. É fundamental saber que, anterior ao texto, existe um autor. Ignora-se, por vezes, quem é o autor, sua experiência de vida. Lembremo-nos da lagarta e do feto... Nem sempre elaborar um texto é algo que flui, uma linha reta constante. Há, por vezes, dificuldades imprevistas, “curvas”, “subidas e descidas”, “quedas”. Em razão disso, às vezes, o autor cede e desiste. Outras vezes, enfrenta os desafios, resiste às provações e consegue chegar ao final da jornada. Vitoriosa! Nós somos escritores...

Não existe um linha reta, mas as que se cruzam e ideias que se sobrepõem, categorias, conceitos que nos alcançam e nos mobilizam, nos impactam ou nos impulsionam para investigar. Há autores que são searas que nos ensinam o caminho, às vezes, doloroso, da pesquisa, da busca e da linha de chegada no destino de um texto. Isso comporta uma pequena e simples vitória, mas com força suficiente para nos estimular a prosseguir aprendendo e escrevendo...

O que nos leva a fazer uma pesquisa que desperte em nós coragem para enfrentarmos os desafios que envolvem sua elaboração e que ela seja plenamente exitosa?

A elaboração de um trabalho de construção humana, como uma dissertação de mestrado ou uma tese de doutorado exige esforço, vontade, superação de desafios, enfrentamentos e julgamentos, exposição de fraquezas e grandezas pessoais. Fazemos a busca da beleza com que temos contato num mundo criado pelo um criador da Vida, o qual nos possibilita conectar com tudo e com todos os viventes do planeta.

Além de pensarmos e pesquisarmos sobre um determinado assunto, temos, também, que refletir sobre ele, organizá-lo e discernir sobre as ideias que serão desenvolvidas. Como saber se o caminho que escolhemos é o mais correto e assertivo? O que queremos é mostrar para o mundo a nossa visão de mundo a partir de autores, leituras, conversas, orientações. Há nesse “percurso” apoios, críticas. Sentimo-nos, às vezes, desamparados, outras vezes, acolhidos. Sem que queiramos, somos tomados de assalto, num certo momento, pelo medo e a

dúvida sobre o “bebê” que estava sendo gestado e a espera ansiosa daquele que, finalmente, veio a lume... nasceu!

É fundamental que os educadores avaliadores tenham a clareza de entendimento de que ideias, palavras, vão construindo e dando forma, sentido e beleza a um texto graças a quem o elabora. Muitas das vezes, essas são algumas das funções e também um dos objetivos na vida do professor universitário, seja elaborando uma dissertação ou uma tese ou orientando uma pesquisa. Trabalho que nem sempre é reconhecido e valorizado. Infelizmente.

Novamente, a comparação entre a lagarta, o feto e a construção de um texto é importante. Diria: oportuna, pertinente. Eis o processo: gestação/transformação/. É a lagarta se transformando numa delicada e linda borboleta e o feto, também num processo de formação e transformação, se torna um bebê, depois, uma inocente criança cheia de vida que vai se tornar o “mundo” de quem está ao seu redor. Semelhantemente é o que ocorre com um texto. O escritor tem à sua disposição a “ferramenta” indispensável para que possa dar forma e conteúdo a tudo que tem em mente: suas ideias, seus projetos, suas expectativas: a Palavra! Com ela, a gestação do texto se inicia. Então, as palavras e as ideias vão dando forma ao que estava sendo gestado durante algum tempo: o texto! E, assim, como a lagarta que virou borboleta e o feto que se transformou num bebê, a palavra se tornou texto. E a beleza da borboleta, que deixa o casulo, o encanto pela criação de um ser e o mundo criado pelo texto fazem com que nos esqueçamos de todo o processo (transformação/transmutação) que possibilitou a existência deles.

O orientador e os apreciadores do trabalho são como as mães dos fetos e das lagartas. Eles acreditam na transformação e na transmutação da vida de um texto.

E como nos ensina Gaston Bachelard: “É imensa a distância entre um livro impresso e o livro lido, entre o livro lido e o livro compreendido, assimilado, sabido! Mesmo na mente lúcida, há zonas obscuras, cavernas onde ainda vivem sombras. Mesmo no homem novo, permanecem vestígios do homem velho. Em nós, o século XVIII prossegue sua vida latente; infelizmente, pode até voltar” (Gaston Bachelard, *A formação do espírito científico*, 1996, p. 10).

Talvez, por isso, podemos dizer que a linguagem é a deusa da alma humana, visto que ela nos constitui e nós nos constituímos humanos através dela e com ela.

Na atualidade, estamos vivendo tempos incompreensíveis, mentalidades retrógradas que nos aterrorizam e nos fazem sentir medo do que virá, quando deveríamos estar plenos de

coragem e esperança num futuro mais justo e humanizado, especialmente, para os educadores, que preparam o canteiro e semeiam as flores do amanhã todos os dias, cujos campos deveriam tornar-se férteis, a fim de gestarem as flores que podem encantar o mundo ao nosso redor. Infelizmente, ainda somos surpreendidos por políticas que nos intimidam e quase nos fazem perder a fé e a esperança de um futuro mais florido, com cara de bebê sorridente, voos de borboletas e coração de um leão de ouro. Mas, desistir não faz parte da trajetória de um educador. Por isso, seguimos em frente como as sementes de amanhã, que prometem gestar as árvores do futuro...

Não podemos deixar que se percam as nossas memórias e experiências que nos atravessam e nos mobilizam sempre mesmo quando as ignoramos, porque elas nos conduzem, nos presenteiam com expectativas de dias melhores, trazendo "o esperar na educação", como nos ensinou Paulo Freire.

Os julgamentos e análises só têm sentido quando somos capazes de trocar, de ensinar e aprender, de aprender e ensinar, sem rugas, sem dobras desnecessárias, mas com compaixão, generosidade, indulgência e grandeza, porque, na escola da vida, somos sempre aprendizes e dependemos dos bons educadores para nossa formação.

Estamos o tempo todo analisando, avaliando e desconfiando, nos espantando, compartilhando expectativas, saberes, conhecimentos, dúvidas, incertezas, fazeres e interatividade. É assim a vida acadêmica.

As nossas falas enquanto educadores alimentam a sociedade, mesmo quando somos ignorados por parte dela. Ela ainda não derrotou o professor porque ele tem consciência da sua função social, da importância de sua formação, de ser humano e da necessidade de aprender todo dia um novo significado para a vida. A sociedade o desprestigia, julga-o equivocadamente, reduz-lhe o brilho, mas não consegue eliminá-lo, mesmo quando lhe retira o mérito que ele – educador/professor – tem porque o conquistou graças àqueles que reconhecem o seu valor. Ele traz, inerentes à sua conduta, valores éticos. Tem parcerias que fortalecem o grupo a que pertence, mesmo quando ocorrem divergências entre educadores do grupo ou resistência de alguns deles diante de determinadas situações.

Os embates não nos desanimam, tampouco nos tornam “descartáveis”, mas, antes de tudo, somos seres humanos... Podem, por isso, nos ferir e nos distanciar de nossa maravilhosa profissão, escolhida, trilhada com muita luta, trabalho, coragem e determinação, com “os pés descalços” e as mentes abertas para novas oportunidades de crescimento e aprimoramento do

conhecimento que já possuímos. Seguimos sempre em frente porque continuamos sonhadores....

Para Kenia, com gratidão.

Recebido: junho/2025.
Aprovado: setembro/2025.
Publicado: novembro/2025.